

Área Marinha Protegida Comunitária das ilhas de Formosa, Nago e Chediã (Ilhas Urok)

O complexo das ilhas Urok situa-se na parte Norte do arquipélago dos Bijagós. Engloba um conjunto de ilhas e ilhéus entre os quais os principais são Formosa, Nago e Chediã. O conjunto que corresponde à zona de exploração tradicional das populações residentes cobre uma superfície de 545 km² dos quais 147 km² de meios terrestres, 66 km² de mangal, 203 km² de zonas intertidais vasosas e 8 km² de canais profundos. A importância e o grau de conservação dos meios costeiros estão na origem da classificação de uma parte deste território em zona central no zoneamento da Reserva da biosfera (ver mapa 3)

A zona costeira das ilhas Urok caracteriza-se, antes de mais, pela presença de importantes maciços de mangal. Estes se repartem entre as três ilhas, onde formam, no que respeita ao Arquipélago, um dos maiores conjuntos em forma de maciço desta formação vegetal original. Esta zona, atravessada por canais permanentes que separam as 3 ilhas, é também ocupada por ilhéus (Quai, Ratum, Acoco) dos quais muitos têm carácter sagrado, assim como por bancos de areia que servem de lugar de repouso, à maré-alta, às aves marinhas migradoras. É designada localmente por *barriga das ilhas*, termo que indica claramente a sua posição central entre as ilhas e, simultaneamente, a sua função particular na reprodução dos recursos. O mangal está igualmente bem representado na periferia das três ilhas, de forma quase que contínua.

Para além das suas diferentes funções, o mangal deve ser considerado como um ecossistema de importância vital, tanto para a satisfação das necessidades humanas, como para a protecção do litoral contra a erosão, ou a conservação das espécies da fauna selvagem de forte valor patrimonial e cultural. Na delimitação funcional do ecossistema deve-se incluir as zonas de canais que permitem a comunicação com o meio marinho, comunicação essa necessária para permitir aos peixes adultos virem desovar – e, nomeadamente, as tainhas, bentanas, bicas e barracudas – aos manatins virem alimentar-se dos rebentos dos tarrafes, aos hipopótamos que aí encontram um refúgio diurno nas proximidades das savanas que exploram durante a noite, ou ainda aos homens para se deslocarem nas suas pirogas.

Convém, enfim, ter em conta o grande valor paisagístico da *barriga das ilhas* no processo de gestão da zona costeira das ilhas Urok. Esta zona apresenta, com efeito, paisagens de uma beleza excepcional com mangais, palmares e florestas que bordeiam os canais onde nadam bandos de golfinhos, seus bancos de areia cobertos de pernaltas e de garças, enquanto que, sobre o ramo alto de um tarrafe uma águia pescadeira espera a sua presa. A beleza do sítio traduz, de uma certa maneira, a situação de equilíbrio do meio e daqueles que o exploram, relações harmoniosas que o plano de gestão visa a manter.

Os raros segmentos de litoral das 3 ilhas desprovidas de mangal são ocupados por praias de areia, nomeadamente sobre as margens ocidentais de Chediã e Nago. Essas praias são utilizadas pelas tartarugas marinhas, a Tartaruga Verde em particular, durante a época da desova. No entanto, parece ser fraca a densidade dos ninhos deste réptil aquático nessas zonas. Vários factores podem ser invocados a esse efeito: pesca comercial nos canais das proximidades com recurso a redes de dimensões que podem capturar as fêmeas que procuram onde desovar, presença do antigo complexo turístico a Norte de Chediã, sem contar com os predadores naturais dessas espécies, quer no estado de ovos (linguanas, *kakris*), quer no estado juvenil (Abutre-das-palmeiras, *kakris*, peixes).

Para além da cintura litoral imediata das ilhas Urok, compostas de mangal, situam-se vastas extensões vasosas. São formações sedimentares arenosas ou vasosa-arenosas, com emergências de rochedos, aqui e acolá e alguns ilhéus cobertos de mangal ou de grandes árvores. Essas zonas vasosas são designadas *intertidais* na medida em que se encontram sistematicamente na zona de oscilação das marés. Isso significa que estão completamente submergidas à maré-alta e depois vão emergindo aos poucos, à medida em que o mar desce.

À maré-baixa, apenas alguns canais, orientados a Norte-Sul, no sentido das principais correntes de maré, é que ficam submergidos, dividindo as zonas vasosas em vários bancos. Essas zonas são alimentadas no plano sedimentar pelo estuário do rio Geba-Corubal. No plano orgânico, elas são enriquecidas permanentemente pelos organismos em decomposição provenientes dos mangais e transportados para a periferia pelos inumeráveis pequenos rios ou bolons que servem de drenagem. A presença desta alimentação em matéria orgânica explica a riqueza das zonas intertidais em moluscos tais como os anélidos e as conchas (bivalves e gasterópodes). Constituem as prezas privilegiadas dos peixes e dos pássaros, mas também uma fonte de alimentação essencial para os habitantes de Urok.

A acessibilidade aos recursos das zonas vasosas depende directamente das marés. Assim, à maré-alta, os peixes estão em condições de explorar o conjunto dessas zonas. Quando a maré baixa, eles são obrigados a se refugiarem nos canais que ainda têm água, onde eles se transformam, por sua vez, presas mais fáceis a serem capturados seja pelos pescadores, seja pelos predadores como os golfinhos da espécie roaz-corvineiro (*Tursiops truncatus*). Quando as zonas vasosas estão a descoberto, elas transformam-se nos locais de predilecção para a apanha de conchas pelas mulheres. As espécies mais procuradas neste meio são os *combés* (*Anadara senilis*), os *lingrom* (*Tagellus adansonii*) e, de uma forma ou de outra, os *gandim* (*Pugilina morio*), e as *contchurbedja* (*Cymbium spp.*).

À maré-baixa, as zonas vasosas são invadidas por aves marinhas, em particular os Flamingos-cor-de-rosa, as garças de diversas espécies e limícolas (ver quadro 5). A sua presença em tão grande número traduz a grande riqueza biológica deste meio onde se alimentam. Estas aves contribuem, por sua vez, através das suas dejeções, para alimentar o meio em matéria orgânica. Quando o mar volta a cobrir os bancos de lodo, as limícolas concentram-se em alguns lugares de repouso da maré-alta, situados no mangal próximo, ou pousados sobre os ramos dos mangues, ou sobre os tanes e outros bancos que permanecem a descoberto no meio do mar, na *barriga das ilhas*. Tanto de dia, como à noite, o ritmo de actividades destes pássaros está estreitamente ligado às marés. A partir do fim de Março, eles preparam-se para deixar as zonas vasosas de Urok para se dirigirem para os locais de sua reprodução setentrionais situados a mais de 10.000 Km. Voltarão apenas no fim da estação das chuvas, para uma estadia de 5 a 6 meses.

As trocas que existem entre os diferentes meios costeiros são numerosas. Implicam, por exemplo, a exploração de recursos marinhos pelas populações das ilhas, os fluxos de matéria orgânica do centro (mangal) para a periferia, a dependência de certos organismos em relação a vários meios utilizados sucessivamente em função das marés (zonas vasosas e mangal para as limícolas), do ritmo dia-noite (mangal de dia e savanas à noite, para os hipopótamos) ou das estações (zonas vasosas em estação seca, mangal na estação chuvosa para várias espécies de peixe). Um corte excessivo do tarrafe diminuiria a alimentação em matéria orgânica das zonas vasosas, reduzindo a produtividade dos moluscos apanhados pelas mulheres. A instalação de redes nos canais que permitem a comunicação entre as zonas de lodo e a *barriga* constituiria uma barragem para os peixes adultos que procuram desovar nos tarrafes: esses dois exemplos mostram porque é que é importante ter em conta as relações funcionais que existem entre os diferentes meios no estabelecimento das regras do Plano de gestão.